

QUESTIONAMENTOS INCIPIENTES PARA OS NEUROCIENTISTAS, PEDAGOGOS E/OU INTERESSADOS

Maeve Mascarenhas de Cerqueira¹
Maria do Carmo Oliveira de Cerqueira Gunes²

RESUMO

Objetiva-se nesse artigo refletir sobre temas relacionados à Neurociência. Para tanto, esboça-se uma abordagem filosófica sobre a dualidade corpo/alma a partir do século VI AC, discutindo-se as perspectivas inatistas e empiristas sob a ótica de alguns filósofos até se chegar à década de 90 do século XX (grande fervilhar da Neurociência) com a discussão sobre a tríade corpo/mente – cérebro/emoção. Aborda-se, também, a importância da emoção no processo de construção e aprendizagem nas lutas dos Movimentos Sociais do Campo para além dos “avanços” científico-filosóficos relacionados à Neurociência. Em suma, esse ensaio prima pelos questionamentos e não por assertivas.

Palavras-Chave: Neurociência. Corpo/alma. Mente/cérebro. Emoção.

ABSTRACT

This article aims to reflect upon Neuroscience-related themes by drawing on a philosophical approach on the body/soul duality starting from the 6 century AD. The innatist and empiricist perspectives are discussed from the point of view of selected philosophers throughout the ages until the 1990's (neuroscience effervescence) with the discussion on the body/mind-brain/emotion on the building and learning processes in the fights of rural social movements beyond the scientific-philosophical neuroscience-related “advances” i also addressed. This paper is therefore mainly marked by questions rather than assertions.

Keywords: Neuroscience. body/soul, mind-brain. emotion.

RESUMEN

El objetivo es en este artículo reflexionar sobre cuestiones relacionadas con la neurociencia. Por lo tanto, se esboza una aproximación filosófica al cuerpo / alma dualidad del siglo VI aC,

¹ Doutora em Educação – Universidade Del Mar – Chile; Professora do Departamento de Educação –Campus XIII – UNEB; Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão CANELA (Cidade & Campo: Artes e Nexos em Estudos Culturais Latino-Americanos). Email: maevemascarenhas@hotmail.com

²Especialista em Política do Planejamento Pedagógico – UNEB; Professora Substituta do Departamento de Educação – Campus XIII – UNEB; Membro do Grupo de Pesquisa e Extensão CANELA (Cidade & Campo: Artes e Nexos em Estudos Culturais Latino-Americanos). Email: mccerqueira@ig.com.br

discutiendo las perspectivas inatistas y empiristas en la opinión de algunos filósofos hasta llegar a los años 90 del siglo XX (gran enjambre de neurociencias) con la discusión de cuerpo / mente tríada - cerebro / emoción. Direcciones es también la importancia de las emociones en el proceso de construcción y el aprendizaje en las luchas del campo de los movimientos sociales más allá de los "avances" científico-filosóficos relacionados con la neurociencia. En resumen, esta prueba de prensa por el interrogatorio y no asertivo.

Palabras-clave: Neurociências. cuerpo/alma. mente/cerebro. las emociones.

Introdução

Independente das atividades/possibilidades inerentes à mente³/cérebro⁴, independente do ser humano tê-las conhecido ou não, a priori já se elaborava e se discutia teorias sobre o ato de conhecer. Assim, em última instância, de que forma essas teorias consubstanciavam-se e/ou consubstanciavam-se até se chegar a uma discussão mais “elaborada” sobre Neurociência⁵? O que possibilitou, ou possibilita ao ser humano pensar sobre o próprio pensamento⁶, ou melhor o que seria a meta-linguagem cerebral? Este ensaio trabalha sobre esses caminhos...

1.1. Um fio da História

Considerando-se os pressupostos mítico-gregos, Zeus, deus do Olimpo, nas suas paixões furtivas, amou Métis (deusa da prudência). Desse amor, brotou um fruto, entretanto, ao consultar o oráculo, Zeus desesperou-se, porque dessa união fugaz nasceria uma filha, todavia o próximo descendente em Métis seria homem e o destronaria. Zeus, então, convidou a amante para o leito e no ato de amor, engoliu-a, estava, assim, resguardando o seu poder.

Algum tempo depois, ele, ao andar pelas margens de um lago, sentiu uma dor lancinante na cabeça. Foi insuportável. Então, Hefestos, o ferreiro divino, brandiu o machado no ar e golpeou o crânio de Zeus. Da ferida aberta, surgiu uma mulher muito linda, Atena (deusa da Sabedoria).

A mensagem emblemática do mito possibilita uma interpretação na qual o povo grego, mesmo antes do surgimento da Filosofia na Grécia, em torno do século VI AC, no afã de compreender e interpretar o mundo, creditou que a sabedoria deveria nascer de dentro de uma cabeça. Estavam sendo construídos alicerces para o debate secular entre o corpo e mente/cérebro, até se chegar à atualidade com as discussões sobre neurociência.

³ Mente – Intelecto; pensamento; entendimento; alma; espírito. FERREIRA, A. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. RJ: Editora Nova Fronteira, 1988, p.428.

⁴ Cérebro – Porção do encéfalo que ocupa a caixa craniana, toda a parte superior e anterior. FERREIRA, A. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. RJ: Editora Nova Fronteira, 1988, p. 141.

⁵ Neurociência – Para as autoras do artigo, Neurociência torna-se “um guarda-chuva” que abarca várias discussões, inclusive as traçadas nesse artigo, dentre outras, isto posto não considera pertinente estabelecer um conceito.

⁶ Pensamento – Qualquer atividade mental. FERREIRA, A. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. RJ: Editora Nova Fronteira, 1988, p. 141.

1.2. Ainda Grécia Antiga no âmbito da Filosofia

Assim, de onde vieram os princípios racionais⁷? O Ser humano nasce com eles? São adquiridos pelo costume?

Segundo Chauí (1994), a Filosofia ofereceu duas respostas a essas perguntas. A primeira seria o inatismo e a segunda o empirismo. O inatismo afirma que se nasce trazendo na inteligência os princípios racionais e ideias verdadeiras que são chamadas de inatas. O empirismo, ao contrário, afirma que a razão, com seus princípios e suas ideias, é adquirida pelo ser humano através da experiência.

Platão (filósofo grego, séc IV AC) defende a tese do inatismo da razão na sua obra *Mênon*. Nessa obra, Sócrates (filósofo grego-séc IV AC e personagem do *Mênon*) dialoga com um jovem iletrado. Questionando-lhe no momento certo, o filósofo consegue que o escravo demonstre um teorema da geometria. As verdades matemáticas vão surgindo na mente do escravo à medida que Sócrates vai-lhe fazendo perguntas e raciocinando com ele. Isso só é possível, questiona Platão, porque o jovem nasce com a razão, todavia o inatismo da razão originava-se na alma⁸.

De acordo com Andery e outros (1988), Platão acreditava que os homens eram dotados não apenas de corpo mortal, mas também de alma imortal, que era imaterial, de onde provinham todos os conhecimentos. O próprio Platão, na sua obra *Mênon* contida nos *Pensadores* (1987) diz:

Se tudo o que foi dito nos conduz efetivamente às seguintes conclusões: a alma se assemelha ao que é divino, imortal, dotado da capacidade de pensar, ao que tem uma forma única, ao que é indissolúvel e possui sempre do mesmo modo identidade: o corpo, pelo contrário, equipara-se ao que é humano, mortal, multiforme, desprovido de inteligência, ao que está sujeito a decompor-se, ao que jamais permanece idêntico. (p.84;80b)

Platão trouxe o homem para o centro de uma reflexão e viu esse homem com capacidade para produzir conhecimento por possuir uma alma – diferente do corpo, mas essencial. Nessa perspectiva, os estudos prosseguem.

1.3. Dando um salto no tempo: Inatismo e Descartes

O filósofo Descartes (séc. XVII DC) afirmou que já se nascia com ideias⁹ inatas¹⁰ e que essas ideias eram colocadas na mente do ser humano por Deus.

Segundo Andery e outros (1988), Descartes, ao afirmar que não se deve ter por certo nada que não seja claro e distinto, passa a duvidar da existência de todas as coisas. Essa dúvida só não pode atingir o próprio pensamento, cuja existência fica evidente pelo fato da dúvida ocorrer. Passando a refletir sobre a dúvida, percebe-a como uma imperfeição se

⁷ Princípios racionais – O fundamento dos processos da razão vistos como “faculdades” próprias do ser humano e que o distingue dos outros animais. ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. SP: Mestre Gou, 1982, p.760.

⁸ Alma – (Platão) – Corpo que se move de per si do seu interior. A alma é a causa da vida e imortal já a vida constitui sua própria essência. ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. SP: Mestre Gou, 1982, p.25 e 26.

⁹ Idéias – (Descartes) – Objeto imediato do pensamento. Aquilo que o homem encontra no seu espírito. ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. SP: Mestre Gou, 1982, p.502

¹⁰ Inatas – (Descartes) – Algumas ideias são inatas enquanto capacidade de compreender as essências verdadeiras imutáveis e eternas das coisas. ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. SP: Mestre Gou, 1982, p.521.

comparada ao conhecimento. Busca, então, a origem da ideia de perfeição nele presente, superior a ele próprio, ser imperfeito. Conclui que deve advir de algo perfeito existente fora dele – Deus, o qual serve de intermédio entre duas certezas, de que ele pensa e a de que tem um corpo. Essas certezas coexistem no homem através da dualidade corpo/alma.

Dessa maneira, de acordo com Descartes (1987):

Já que, de um lado, tenha uma ideia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que de outro, tenha uma ideia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é certo que este eu, isto é minha alma, pelo qual eu sou o que sou, é inteira e verdadeiramente distinta do meu corpo e que ela pode ser ou existir sem ele. (p.66 MEDITAÇÃO SEXTA, 17)

Vale ressaltar uma teoria oposta ao pensamento Descartiano, ou seja o empirismo.

1.4 Também o Empirismo

Contrários aos defensores do inatismo, os empiristas afirmam que as ideias racionais são adquiridas pelo ser humano através da experiência. Antes da experiência, a mente assemelha-se a uma “folha em branco”, onde nada foi escrito. De acordo com Chauí (1994), para os empiristas, os conhecimentos começam com a experiência dos sentidos, isto é, com as sensações. Os objetos exteriores excitam os órgãos do sentido e vê-se, sente-se sabores, odores, ouve sons, sente-se a diferença entre o áspero e o liso etc. As sensações se reúnem e formam uma percepção, as percepções, por sua vez se combinam, por fim, de tanto as percepções se repetirem a partir dessas combinações, cria-se o hábito de associá-las, essas associações são as ideias levadas à memória e de lá, a razão as “apanha” para formar os pensamentos.

1.5 Saltos temporais na história

Essa discussão, sob pontos de vista diversos, atravessa os séculos até chegar aos dias atuais, sendo corroborada por Capozzoli (2008) ao afirmar que a complexidade do cérebro que cria a mente talvez não encontre paralelo no Universo. Nessa mesma caminhada, Damásio (2008) questiona de que forma a cadeia de processos que são chamados de mente resulta da atividade do órgão que se denomina cérebro, diz que é provável que se tenha aprendido mais sobre o cérebro e a mente na década de 90 – a década do cérebro – do que durante toda a história da psicologia e da neurociência e que elucidar o clássico problema corpo/alma torna-se um desafio.

Essa colocação de Damásio é muito pertinente, principalmente quando se busca uma perspectiva elucidativa do clássico problema corpo/alma, haja vista que nas dimensões cognitivas tanto da filosofia quanto da ciência é até um reducionismo achar que se pode “resolver” as questões propostas.

Damásio, em 1996, trilhava por caminhos mais esclarecedores da questão e já focalizava, também, a emoção, vista sob a ótica da ciência do cérebro, assim como das suas implicações para a tomada de decisão em geral e para o comportamento social em particular.



Na sua obra *O erro de Descartes* (1996) discute pontos de vista que contribuem para o aprofundamento do problema secular corpo/alma a partir de uma visão mais unívoca.

Segundo o próprio autor (1996):

A mente existe dentro de um organismo integrado e para ele; as nossas mentes não seriam o que são se não existisse uma interação entre o corpo e o cérebro durante o processo evolutivo, o desenvolvimento individual e no momento atual. A mente teve primeiro de se ocupar do corpo, ou nunca teria existido. De acordo com a referência de base que o corpo constantemente lhe fornece, a mente pode então ocupar-se de muitas outras coisas, reais e imaginárias. (p.17)

Essas ideias do autor estão subsidiadas nas afirmações contidas nessa obra de que o cérebro humano e o resto do corpo são um organismo indissociável; a interação não é exclusiva do corpo nem do cérebro, mas ambos interagem com o ambiente como um conjunto: os fenômenos mentais são entendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente a sua volta. A investigação das perturbações da memória, da linguagem, do raciocínio em vários seres humanos com lesões cerebrais, possibilita-se discutir que a atividade mental necessita de um cérebro e um corpo. Diz ainda que (1996) a alma respira através do corpo e o sofrimento, quer comece no corpo ou numa imagem mental, acontece na carne.

1.6 Pedagogia: na trilha de emoção – Movimentos Sociais

A assertiva de Damásio (1996) de que a emoção é parte integrante do processo de raciocínio e pode auxiliá-lo encontra eco muito forte no processo educativo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (movimento social de luta pela posse da terra e pela Reforma Agrária no Brasil), visto que esse movimento soube aliar, na medida do possível, emoção/razão através da sua Mística. De acordo com Júnior (2001) a derivação etimológica do termo mística vem dos cultos gregos de mistérios, que vem de *myein* = fechar (os lábios ou os olhos) e, metaforicamente, “iniciar-se”, pode ser encontrado ainda a palavra *múien* = perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção. Outro sentido pode ser dado à mística ao analisá-la sob a ótica social e política, argumentam Boff e Frei Betto (1994). Assim a mística passa a ser:

Um conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade de mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos processos históricos. (p.24)

Dessa forma, o Setor de Formação do MST, no Caderno de Formação nº 27, concorda com a afirmação supra quando diz:

Compreendemos que a prática da mística tem um papel fundamental em termos individual e coletivo, nas lutas de massa, nas comemorações e celebrações, alegrias e nas vitórias. Tem o papel de nos animar ou nos revigorar para novas e maiores lutas. De nos unir e fortalecer. (p.05)

Ainda, de acordo com Júnior (2001), a mística é desenvolvida em termos de valores pedagógicos, éticos e políticos. Como recurso e processo pedagógico, a mística parte do princípio que a lógica, dita racional, só é assimilada e apreendida quando a pessoa já foi

conquistada pela confiança em alguém que materializa o projeto popular, isto porque a emoção é o centro do sentir, fazer, do pensar.

Conclusões – mais Filosofia

Dessa forma, e citando Levy (2001, p. 9) “Pequenos grupos formavam-se nos cafés do boulevard Raspail e da rua Didot. Havia também homens e mulheres que andavam, sós, desocupados, mas querendo talvez prolongar tal instante. Eu era um deles. Viera, com todos, ao enterro de Sartre”.

Ora, este artigo é uma discussão inconclusa por dois motivos, o primeiro está relacionado ao fato de que a possibilidade do ser humano para conhecer e criar conhecimento é ilimitada; a segunda, ao fato da própria incipiência das autoras.

Por outro lado, a positividade disso tudo emerge dessa consciência e desse buscar sempre. Terminar com Sartre reflete o fato de que, ao tentar se discutir questões de tal amplitude relacionadas à neurociência, é fundamental entender, para além delas mesmas, e compreender Sartre, citado por Levy (2001), quando o filósofo teve a ousadia de descartar a velha regra que, desde Descartes, pretendia fazer distinção entre objetos ou enunciados dignos e indignos de serem meditados. E fazendo isso, elevando à dignidade metafísica os objetos mais cotidianos e as preocupações de todos os dias, não está reconciliando todos, o homem da rua e o sábio, com a busca da verdade?

REFERÊNCIAS

- ABBAGNAMO, N. **Dicionário de Filosofia**. SP: Mestre Gou, 1962.
- ANDERY, M. A. et al. **Para Compreender a Ciência**. RJ: Espaço e Tempo, 1988.
- BOFF, L; FREI, B. **Mística e Espiritualidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CAPOZZOLI, U. Cérebro e Mente. In: **Revista Scientific American**. SP: Editora Ltda, 2008, nº 23.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. SP: Editora Ática S.A, 1994.
- DAMÁSIO, A.R. **O erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano**. SP: Companhia das Letras, 1996.
- _____. Como o cérebro cria a mente. In: **Revista Scientific American**. SP: Editora Ltda, 2008, nº 23.
- DESCARTES, R. **Os Pensadores**. SP: Nova Cultural, 1987, Vol II.
- FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. RJ: Editora Nova Fronteira.



JÚNIOR, Antonio. (2001). **A Mística no MST**. Monografia. Universidade do Estado da Bahia – Itaberaba, 2001.

LEVY, B. H. **O século de Sartre**. RJ:Nova Fronteira, 2001.

PLATÃO. **Pensadores**. SP:Nova Cultural, 1987.